

**“RESPEITO É PARA QUEM TEM”:
REFLEXÕES SOBRE O DEVIR-SUBALTERNO EM *O INVASOR***

Maurício Matos dos Santos Pereira¹

Resumo

Neste artigo, procura-se refletir sobre os diferentes processos de construção da subjetividade postos em movimento na constituição de Anísio, personagem subalterno da trama dos acontecimentos no filme *O Invasor* (2001), de Beto Brant, desde o momento em que ele é contratado como matador profissional por Ivan e Gilberto, representantes do mundo dominante, para matar Estevão, um dos sócios da empresa de construção civil que são donos; até o momento em que, depois do serviço feito, Anísio percebe que é hora de jogar os dados, invade este mundo dominante, ao mesmo tempo em que fragmenta a condição de subalternidade.

Palavras-chave: devir-subalterno, poder, violência e subjetividade

Ao assistir ao filme *O Invasor* (2001), de Beto Brant, o espectador embala em um progressivo aumento da tensão decorrente das possíveis consequências que podem advir daquele jogo posto em movimento por Gilberto, Ivan, Estevão e Anísio, personagens envolvidos ao longo dos acontecimentos em perigosas relações de poder. Os dois primeiros são ricos, bem sucedidos, parceiros em uma empresa de construção civil, interessados em matar Estevão para faturar o negócio só para eles. O único problema deste último, que é também sócio do empreendimento, é ser contra o negócio dos dois primeiros com Rangel, empresário desonesto do ramo que pode colocar o nome da empresa em jogo.

¹ Professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências-IHAC/UFBA e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade-PÓS-CULTURA. Email: mauriciomsp@ufba.br



Para eliminarem o sócio, Ivan e Gilberto contratam Anísio, personagem associado à figura do subalterno. Habitante da periferia da grande São Paulo, o matador emerge na trama articulado a elementos comumente associados à cultura da periferia, ao porte de arma, consumo de drogas, o rap, etc. Por periferia, nesse contexto, leia-se o espaço e o tempo das populações para fora do mundo das negociatas empresariais regadas a doses de whisky, ou das prostitutas de luxo desfilando na casa de massagem em um dos bairros de gente rica de São Paulo, patrocinada entre outros sócios por Gilberto, um dos seus clientes mais habitués.

Anísio habita as franjas deste mundo de mulheres finas, bem cuidadas, e de homens da alta sociedade, bem-sucedidos financeiramente, que vivem uma vida de prazeres e podem pagar por prostitutas de luxo. Seu lugar é o de matador. Seu passado está ligado à vida da comunidade onde viveu desde a infância e aos problemas sociais que seus moradores enfrentam decorrentes da luta pela sobrevivência. O filme deixa claro este enraizamento afetivo do personagem numa condição associada à carência material, pois todos na comunidade o conhecem. “Esse é meu mundo,” diz ele a Marina, filha do empresário que assassinou, à medida que apresenta a ela o mundo do lado de lá em um gesto de visível afirmação de masculinidade e de fortalecimento do seu lugar de excluído socialmente, mas que não deixa de estar relacionado também de uma forma mais pragmática à criação de circunstâncias favoráveis para a relação sexual.

O filme se inicia com Anísio sendo escolhido pelos representantes do segmento social dominante para fazer um serviço que seus contratantes, pela posição social que ocupam, ou não sabem; ou não têm coragem para fazer, posto que podem perder muito caso sejam descobertos pela polícia ou, como uma terceira hipótese, não fazem eles mesmos para não se sentirem mais aproximados de gente como Anísio.

Nesse primeiro momento, há claramente um sentido forte conferido à distância social entre os personagens contratantes e aquele que ficou de executar o serviço. Tal distância se traduz na cena que ilustra os dois empresários encomendando o crime a Anísio. Apenas os rostos dos dois primeiros são vistos. No caso deste último, uma voz em *off* substitui para o espectador a vidência do seu rosto. O personagem não é visto, trata-se de um in-visível, um subalterno. O que os difere é a posição de cada um na sociedade que, por sua vez, se traduz na relação contratual e no modo como o filme, para marcar essa distância, se utiliza da estratégia de mostrar ou não o rosto do personagem como elemento significativo:

O rosto não é um invólucro exterior àquele que fala, que pensa ou que sente. A forma do significante na linguagem, suas próprias unidades continuariam indeterminadas se o eventual ouvinte não guiasse suas escolhas pelo rosto daquele que fala (‘veja, ele parece irritado...’, ‘ele não poderia ter dito isso...’, ‘você vê meu rosto quando eu converso com você...’. ‘olhe bem para mim...’). Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam a mesma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos².

Mesmo com esta construção do significante em torno dos rostos, algo aproxima os personagens na trama dos acontecimentos em *O Invasor* conectando mundos distintos que, à princípio, se encontravam separados por diferentes valores, pois tanto Ivan, quanto Gilberto e Anísio, desejam levar vantagem sobre o outro. Não há direito a ser reconhecido, limites instituídos pela lei, respeito aos espaços destinados à construção da subjetividade ou às opiniões divergentes. Depois de acertarem com Anísio, Estevão está definitivamente marcado para morrer. Ivan e Gilberto comemoram a negociata em um bordel de luxo.

Todas estratégias de subjetivação se aproximam, seja o assalto à mão armada ou o homicídio – esta última como expressão mais habitual de criminalidade conferida ao gesto de Anísio -, sejam delitos sub-reptícios e/ou refinados como a contravenção, corrupção, negociata ou o investimento de Gilberto na prostituição de luxo. Como “todos têm direito a relaxar”, estas diferentes dinâmicas naturalizam-se como efeitos de superfície de uma força mais profunda e violenta que tanto organiza a relação homem *versus* mundo, quanto põe em construção as subjetividades.

Em meio a uma infinidade de gestos desonestos, destaca-se a busca dos personagens por um prazer sem regras, sem valores, onde tudo é possível na medida do desejo e do poder para sustentá-lo, seja nas relações do matador que aceita a tarefa imediatamente que lhe é proposta, seja ainda na postura dos criminosos socialmente dominantes que o contratam. Trata-se de um mundo de poder, sexo e violência, regado a dinheiro para sustentá-lo não como um mundo despedaçado, mas como um modo de viver que é possível, que foi devidamente naturalizado e que funciona, paradoxalmente, como modelo a ser seguido.

² DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. “Ano zero – Rostidade”. In: **Mil Platôs** - Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. P. 32.

Todos são localizados mediante a ultrapassagem de regras sociais, o deslocamento de princípios e/ou códigos de conduta relativos à construção da Civilização. Este é o mundo ditado como aquilo que deve ser, o modelo dos mundos possíveis, o lugar dos privilegiados, aquele que todos desejam para si e que se constitui de poder, dinheiro, riqueza e fama. Tais elementos cartografam os diferentes processos de subjetivação e Anísio não estaria fora deste processo.

Sua jinga é das ruas; seu som, o rap, com destaque para a figura de Sabotage;³ suas vestimentas, seu modo de agir, de falar, de andar, já o acusam antes que os outros conheçam a pessoa que ele é. Anísio se apresenta por esta adequação perfeita entre a constituição de si como um sujeito que tem história, que vive em uma determinada comunidade, etc; e o conjunto das imagens que a sociedade lhe imputa, mediante os estereótipos, que, de alguma forma, o antecipam para todos e também para o espectador.

Minha leitura do discurso colonial sugere que o ponto de intervenção deveria ser deslocado do imediato reconhecimento de imagens como positivas ou negativas para uma compreensão dos processos de subjetivação tornados possíveis (e plausíveis) através do discurso do estereótipo. Julgar a imagem estereotipada com base em uma normatividade política prévia é descartá-la, não deslocá-la, o que só é possível ao se lidar com sua eficácia, com o repertório de posições de poder e resistência, dominação e dependência, que constrói o sujeito da identificação colonial⁴.

Em *O Invasor*, o efeito de tensão decorre desta eficácia do estereótipo sobre o personagem, diante da situação de força criada entre ele e os outros. São muitas as passagens do filme onde este aumento da tensão torna-se patente, mas uma delas chama a atenção do espectador como um momento diferencial para o fato de que alguma coisa deverá acontecer, só não se sabe quando nem como. Trata-se do momento em que, logo depois de ter matado Estevão e a notícia da sua morte se espalha, de forma inusitada Anísio volta à construtora para falar com seus contratantes, Ivan e Gilberto, portando um saco com os pertences do falecido (relógio, documentos pessoais, anel, etc), como

³ Considerado um dos nomes mais promissores do Rap nacional, tendo sido assassinado em 2003 por conta do seu envolvimento com tráfico de drogas.

⁴ BHABHA, Homi. "A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo". In: **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 106.

se, ao apresentar aquelas provas materiais do crime de encomenda que tinha cometido, estivesse lembrando aos dois que o crime não é só dele, mas dos mandantes também.

Em outro momento, esta tensão também se apresenta de forma contundente quando Anísio, depois de já ter visitado algumas vezes a construtora para extorquir dinheiro dos seus donos, começa a gostar daquela situação e “passeia” por aquele ambiente como se estivesse em sua própria casa: conversa com os empregados, dá palpite, pede um café, quer saber o que está sendo feito, quem é o responsável por este ou por aquele serviço, discute com os funcionários localizados nos postos de trabalho mais subalternos; enfim, tudo funciona como se o “matador eficiente” acreditasse que aquele mundo agora é seu também, diante dos olhares interrogativos do tipo: “o que é que um cara como esse está fazendo aqui!?”

O devir-subalterno⁵

Como diferença em relação ao mundo dos sujeitos reconhecidos, estabilizados pelas políticas públicas e pelos direitos atendidos, o desejo do subalterno Anísio não é se distinguir daquele mundo que arrebatava quando circula despreocupadamente por entre os corredores da construtora, entre aquela gente que trabalha, que tem uma profissão definida, que é educada e sabe rabiscar no papel coisas ininteligíveis a seus olhos. Anísio quer ser o mesmo⁶, quer ter poder, fazer parte, habitar o mundo dos seus contratantes. Seu comportamento não deixa dúvida quanto ao fundamento lógico de sua aspiração. Se todos são bem-sucedidos, criminosos e elegantes como Ivan e Gilberto, porque ele, que tinha sido escolhido para fazer um serviço e o fez com a rara maestria de um excelente profissional, ficaria de fora daquele mundo de profissionais?

O nome do filme é dado em função do seu lugar controvertido. Anísio é escolhido para matar Estevão, torna-se objeto de decisões já tomadas por outros sobre quem deve morrer e quem pode matar. Sua obrigação é realizar o que lhe foi solicitado. Quem tem dinheiro, manda porque paga; quem não o possui, aceita e neste caso deverá cumprir o que foi estabelecido; caso contrário, não acontece nada neste mundo de invisibilidade subalterno.

Todavia, aqui está o cerne da questão em torno da posição de Anísio. Qual será seu valor? Seu valor decorre do fato dele ser bom naquilo que faz. Sua eficiência como

⁵ Para uma discussão sobre o devir-subalterno como devir-povo no cinema brasileiro, MATOS, Maurício. **Significações da violência no cinema brasileiro**. Salvador-BA: Editora Quarteto, 2010, p. 46-53.

⁶ DELEUZE, Gilles. “Platão e o simulacro.” In: **A Lógica do Sentido**. Perspectiva: 1974, SP, p. 157-171

matador o aproxima tanto da condição de profissional, quanto daquele mundo vivido por Ivan e Gilberto. O que está em jogo não é o conteúdo moralizante do gesto homicida, se ele é bom ou ruim de acordo com seu pertencimento a uma grade dos valores morais dominantes que o coloca pelo discurso do estereótipo no lugar do “mal”, mas o valor de Anísio é desestabilizar o mundo dominante, aproximar-se dele, tomá-lo de assalto como forma de ser o mesmo, de tal forma que, para *O Invasor* achar um lugar neste mundo, foi preciso que Ivan perdesse o seu.

Pela falta de espaço disponível, não é o objetivo primordial deste trabalho desdobrar o aspecto do valor do discurso dominante e da figura subalterna até o final, mas, de resto, diante da trama dos acontecimentos em *O Invasor*, cabe uma questão para futuras reflexões: seria possível considerar Anísio, dado ao seu profissionalismo e sua ânsia para ser o mesmo, o retorno como diferença em relação ao lugar do Ivan, profissional decaído pela crise moral que lhe atormenta e da qual não consegue se desvencilhar?

Com efeito, o desigual, o diferente é a verdadeira razão do eterno retorno. Pelo fato de nada ser igual, nem o mesmo, é que ‘isto’ volta. Em outras palavras, o eterno retorno se diz apenas do devenir, do múltiplo. Ele é a lei de um mundo sem ser, sem unidade, sem identidade. Longe de supor um Um ou o Mesmo, ele constitui a única unidade do ‘ser’ do devenir. Embora a função do eterno retorno como Ser não seja jamais de identificar, porém autenticar⁷

Depois de ter autenticado sua parte no contrato, alguma coisa se move na constituição da subjetividade no subalterno. Anísio torna-se outro, mas não consegue transfigurar-se no mesmo desejado. Por mesmo desejado, leia-se a posição considerada objeto da utopia: tornar-se membro dileto do mundo dominante, tal como lhe fosse possível, a partir de um determinado momento, ser o retorno de Ivan, ou viver naquele mundo como se fosse seu. Mas, assim como atrás de todo ideal se esconde um niilismo com a vida, o desejo de Anísio de ser outro, ou o mesmo para o poder que o oprime, tampouco será possível de ser realizado.

Ao contrário, ele torna-se *O Invasor*. Agora, não se trata de efetivar o que lhe foi demandado, mas a oportunidade de tomar a decisão tornou-se sua. Da mesma forma, na construção do personagem ao longo dos acontecimentos, não se trata de vê-lo assumir

⁷ DELEUZE, Gilles. “Sobre a Vontade de Potência e o Eterno Retorno”. In: **Porque Nietzsche?** ESCOBAR, Carlos Henrique (Org.). Rio de Janeiro, Achiamé, s.d., p. 27.

outra identidade diferente do lugar de subalterno, mas o que está em jogo agora é sua possibilidade de habitar um entre-lugar⁸ entre duas máscaras, a de subalterno *Invasor* e a de subalterno matador. Que carta jogar para tornar este movimento possível, mesmo que ele não implique a anulação da condição de subalternidade?

À primeira vista, muito embora estes “decidir o que fazer” como sujeito e este “fazer o que mandam” como objeto sejam molduras fixas de demarcação da relação de subalternidade que emerge neste contexto, bem como base epistemológica de produção do conhecimento do outro como objeto, conforme adverte Gayatri Spivak⁹; quando se mergulha mais profundamente em tais posições a partir da leitura do filme, torna-se visível como tais categorias se apresentam como paradoxos, pois quem escolhe não é alguém com este reconhecido poder, mas aquele que invade; ao mesmo tempo, quem executa o serviço que haviam lhe mandado fazer também não é alguém, mas apenas um subalterno.

Torna-se preciso invadir o mundo do outro como forma de tornar-se outro; ou melhor, como forma de tornar-se o mesmo desejado pela economia do discurso de poder. Anísio é *O Invasor*, mas não deixou de ser subalterno. Conseqüentemente, seu terreno passa a ser acidentado, sua subjetividade, um devir. Em certo momento do filme, o espectador fica com a impressão de que ele se pergunta diante daquela oportunidade porque será que este mundo dominante, que inicialmente lhe parecia tão distante daquele onde tinha sido criado; estranhamente, depois que matou Estevão, passou a ser um mundo tão perto?”

Sua invasão diz respeito tanto à operação de desconstrução deste mundo aparentemente dominante e distante de Ivan e Gilberto, quanto simultaneamente à fragmentação de sua subjetividade. Mundo, poder e subjetividade: tudo parece se mover à maneira de uma invasão, precisamente a partir do momento em que o personagem subalterno pressente que é sua vez de jogar os dados. Ele já não é mais o subalterno matador, “agora eu mando fazer”, diz ele; mas igualmente não passou a ser outro completamente diferente daquele que tinha sido. Do matador ao *Invasor*, o subalterno torna-se um devir, uma invasão no mundo do outro que, ao tempo que desconstrói as relações instituídas aproximando mundos incompatíveis pela força do crime, fragmenta sua condição de subalternidade transformando-a num devir em busca do mesmo ou do fora da condição de subalternidade.

⁸ SANTIAGO, Silvano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: **Uma Literatura nos Trópicos**: ensaios sobre a dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.11-28.

⁹ SPIVAK, Gayatri. **Pode o Subalterno falar ?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 19-47

Em determina cena, o personagem exclama com a força de um imperativo categórico: “respeito é para quem tem”. Tal código, a princípio funciona como gabarito de inteligibilidade das relações no mundo em que ele vivia até então, o lugar onde tinha sido criado ao longo de toda sua vida e, conseqüentemente, tal maneira de agir passou a ser um critério de conduta habitual utilizado nas relações com os outros. Ademais, tal critério foi ganhando sentido em um contexto social marcado por elementos como o crime organizado, a pistolagem, o tráfico e o consumo de drogas, a extorsão, etc. O problema é que, quando se transfigura no *Invasor*, tal critério é estranhamente transportado desde aquele mundo até este outro que ele invade, ajudando-lhe a organizar outras relações diferentemente marcadas pelo mesmo código de outrora.

Anísio é o habitante polimórfico deste lugar que virá por força do sucesso no serviço que lhe encomendaram, mas que, por hora, não lhe está dado, pois é preciso fazer a própria invasão agir na sua relação com o tempo que o devir-subalterno põe em movimento. Para tanto, torna-se preciso buscar, restituir os frangalhos deixados pela condição de subalternidade entendida de forma monolítica como condição de invisibilidade, mediante a clara separação entre o eu e o outro, entre o mundo daqui e o de lá ou entre os rostos de Ivan e Gilberto visíveis e a voz em *off* de um ninguém contratado para fazer o serviço sujo; para, de posse desta anulação *a posteriori* das distâncias que o gesto da invasão propicia, tornar-se habitante das fendas abertas que alinham paradoxalmente os dois mundos como devires.

Não se trata de uma dualidade entre ser ou pertencer ao mundo dos bem-nascidos, ou ao grupo dos empresários de sucesso frequentadores de casas de massagem de luxo, mas, ao contrário, o foco é habitar os dois mundos ao mesmo tempo. O personagem adquiriu o saber necessário para habitar o mundo das fendas, das falhas, das imprecisões. Sua decisão por invadir fragmenta sua condição, torna-lhe possível a acumulação de poder. Mesmo que devore como um animal predador a filha do homem que matou, ainda assim não lhe cabe o lugar do mesmo.

Sua posição é devir, ele se encontra lá e cá simultaneamente; é subalterno porque é constantemente lido e relido no conjunto das relações sociais, porque não estudou, não tem uma profissão, não é ninguém para o discurso dominante; é sutil como a bala perdida porque chega sem avisar, mata bem feito, não acredita na civilização, não vê ninguém com bons olhos, desconfia de todos e declara guerra abertamente a quem passar no seu caminho; é *O Invasor* porque tem poder, tem força, sabe se mascarar no que os outros como Marina esperam dele, localiza-se no fora e ao mesmo tempo sabe

invadir, descontrói o mundo dos ricos tornando-se próximo dele, passa a viver em mansão, come do bom e do melhor, faz pose e olha nos olhos dizendo sem piscar que respeito é para quem tem.

Referências

BHABHA, Homi. “A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo”. In: **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 106.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. “Ano zero – Rostidade”. In: **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. P. 32.

DELEUZE, Gilles. “Platão e o simulacro.” In: **A Lógica do Sentido**. Perspectiva: 1974, SP, p. 157-171

DELEUZE, Gilles. “Sobre a Vontade de Potência e o Eterno Retorno”. In: **Porque Nietzsche?** ESCOBAR, Carlos Henrique (Org.). Rio de Janeiro, Achiamé, s.d., p. 27.

MATOS, Maurício. **Significações da violência no cinema brasileiro**. Salvador-BA: Editora Quarteto, 2010, p. 46-53.

SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: **Uma Literatura nos Trópicos: ensaios sobre a dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.11-28.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o Subalterno falar ?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 19-47